

O sítio neolítico da Defesa de Cima 2

[Torre de Coelheiros, Évora]. Primeiros resultados

Filipe João Carvalho dos Santos
Pedro Sobral de Carvalho

.....
Licenciados em História (variante de Arqueologia) pela FLUC.
Arqueólogo dos quadros permanentes da empresa Arqueohoje, lda.

Resumo:

Este texto apresenta os resultados preliminares da intervenção arqueológica desenvolvida pela firma Arqueohoje, Lda, em 2005/2006 no sítio neolítico da Defesa de Cima 2 (Évora). Esta permitiu a obtenção de resultados cruciais para o estudo do fenómeno de neolitização do território português. Apesar do estado ainda embrionário da análise dos resultados obtidos, apresenta-se uma hipótese de trabalho para a interpretação de um conjunto de estruturas negativas aqui identificadas, similares a outras que têm sido igualmente observadas e escavadas em contextos domésticos de ambiente neolítico.

Résumé¹ :

Ce texte présente les résultats préliminaires de l'intervention archéologique menée par l'entreprise Arqueohoje Lda., pen-

dant l'année 2005/2006 à la station néolithique de la Defesa de Cima 2 (Évora).

Les travaux ont permis l'obtention de résultats fondamentaux pour l'étude du phénomène de la néolithisation du territoire portugais. Malgré l'état embryonnaire de l'analyse des résultats obtenus, on présente une hypothèse de travail pour l'interprétation d'un ensemble de structures négatives identifiées, analogues à d'autres qui ont été également observées et creusées dans des contextes domestiques du néolithique.

1. Introdução

A intervenção arqueológica desenvolvida pela firma Arqueohoje, Lda, no sítio da Defesa de Cima 2 decorreu no âmbito das medidas de minimização sobre o património cultural decorrentes da construção do canal de adução da ligação

.....
1- Agradecemos de uma forma sincera à Dr^a Olga Fonseca a tradução deste resumo para a lingual francesa.

da barragem do Loureiro à barragem de Monte Novo. Em termos sucintos, os trabalhos arqueológicos tiveram quatro fases de actuação (26 de Setembro de 2005 a 2 de Junho de 2006) que começaram pela abertura de sondagens diagnóstico onde se procurou responder, de forma clara e célere, às questões que se levantaram após a identificação do local. Num primeiro momento, os objectivos primordiais foram, por um lado, os da sua integração cronológico-cultural e, por outro, aferir com relativa segurança a sua extensão e relevância patrimonial. Procurava-se, desta forma, minimizar o impacto negativo resultante da construção quer do próprio canal de adução, quer das demais infra-estruturas que com ele se relacionavam, nomeadamente a criação e verticalização de taludes, a construção de acessos de manutenção e circulação paralela ao canal, bem como a colocação de vedações ao longo dos limites dos terrenos expropriados — sobre todo um sítio arqueológico que se viria a revelar de grande importância cultural e científica.

Depois de atingidos tais objectivos e de se ter compreendido que havia necessidade de ampliar a área de intervenção, avançou-se para um novo plano de acção (2ª fase) que previa a escavação exclusivamente manual de 135 m², a implementar em zonas previamente definidas no terreno e aparentemente sensíveis, bem como a abertura por meios mecânicos com crivagem integral de sedimentos de uma área periférica estimada em 600m². Após a finalização deste novo plano de trabalhos, tornou-se evidente que a área escavada com presença de estruturas não abarcava ainda a totalidade da superfície a afectar pela empreitada em apreço, nomeadamente pela colocação da já mencionada vedação a ser imposta junto ao limite dos terrenos expropriados. Tal observação acarretou uma terceira fase de trabalhos (56m²), escavando-se manualmente toda a zona afectada à construção da dita vedação.

A direcção científica dos trabalhos foi da responsabilidade de Filipe João Carvalho dos Santos e de Pedro Sobral de Carvalho. Da equipa de arqueólogos auxiliares fizeram parte

João Miguel Perpétuo, Luís Aréz do Carmo, Rui Filipe Barbosa, António Gonçalves Chéney, Óscar Ferreira Teixeira e José Miguel Oliveira.

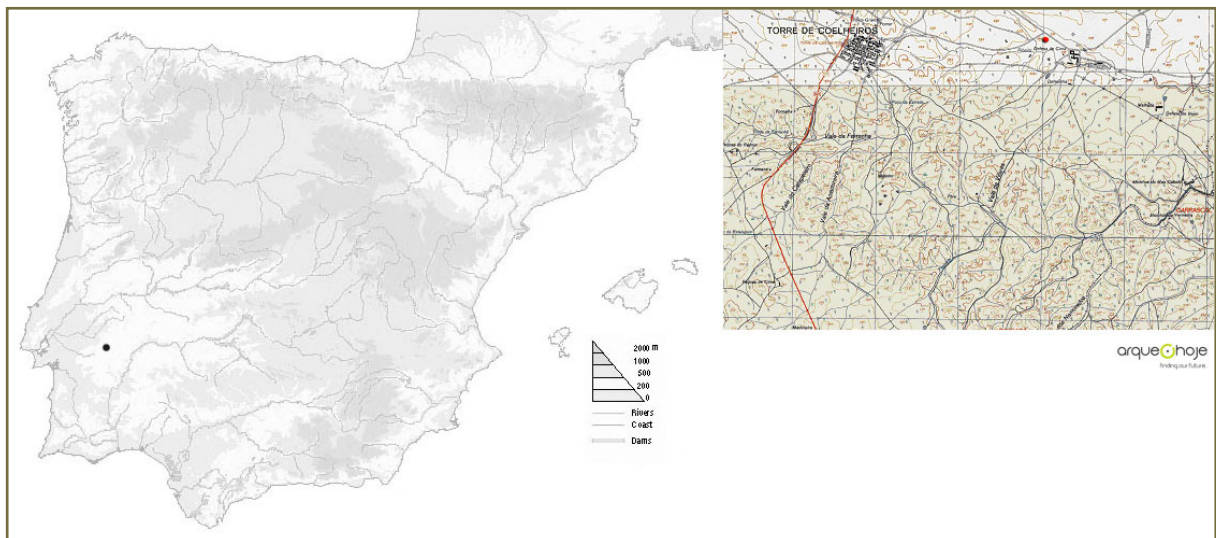
A prossecução dos trabalhos foi desde sempre acompanhada pelo Dr. Miguel Martinho, técnico superior do Departamento de Impactes Ambientais e Patrimoniais da EDIA, e do Dr. José Correia, técnico superior do Instituto Português de Arqueologia, tendo ambos observado com uma certa regularidade a escavação e ocorrendo ao sítio arqueológico sempre que a sua presença era solicitada.

2. Localização

O habitat pré-histórico da Defesa de Cima 2, assim denominado por se localizar em terrenos da herdade (Monte) da Defesa de Cima, encontra-se administrativamente localizado na freguesia de Torre de Coelheiros, concelho e distrito de Évora com as seguintes coordenadas, M: 216.441, P:160.550.

Do ponto de vista topográfico, o povoado desenvolve-se em pendente suave com uma orientação NO/SE, desde o topo de uma pequena colina pouco elevada até uma zona de perfeita planície, apresentando-se o valor de cota mais alto situado nos 219 m. Esta colina é coroada por uma linha de afloramentos graníticos com uma orientação NE/SO. Esses afloramentos, com blocos que emergem ainda com grandes dimensões, apesar do local ter servido como pedreira, acaba por definir a oeste, assim pensamos, um dos limites naturais deste habitat.

Para jusante, a escassos 50 m do sítio da Defesa de Cima 2, encontra-se uma pequena ribeira que corre de noroeste para sudeste, passando próxima, mais a sul, do casario pertencente ao Monte da Defesa de Cima. Para além desta pequena ribeira que lhe fica mais próxima, o sítio localiza-se na confluência de uma série de pequenas linhas de água, actualmente com um caudal pouco significativo e normalmente secas no Verão, todas tributárias do curso de água



Defesa de Cima 2. Localização.

com maior importância na zona — a ribeira do Morgado. A existência destas linhas de água, que certamente na pré-história teriam outra dimensão, terá condicionado, já desde o Neolítico, a fixação da população naquela área.

A visibilidade desde o sítio da Defesa de Cima 2 é muito reduzida. Uma série de pequenas elevações, com cotas entre os 230 e os 300 m, sobretudo na linha de horizonte mais a sul do povoado, dominam o seu campo visual. Existe apenas uma grande visibilidade pela zona plana que se desenvolve para sudoeste deste sítio. O estabelecimento num local elevado com maior visibilidade não foi, pelo que se deduz das observações anteriores, factor essencial na escolha do sítio de habitat, tendo-se optado antes por uma zona pouco elevada, em zona de vale, com um domínio visual muito reduzido.

3. Descrição dos trabalhos

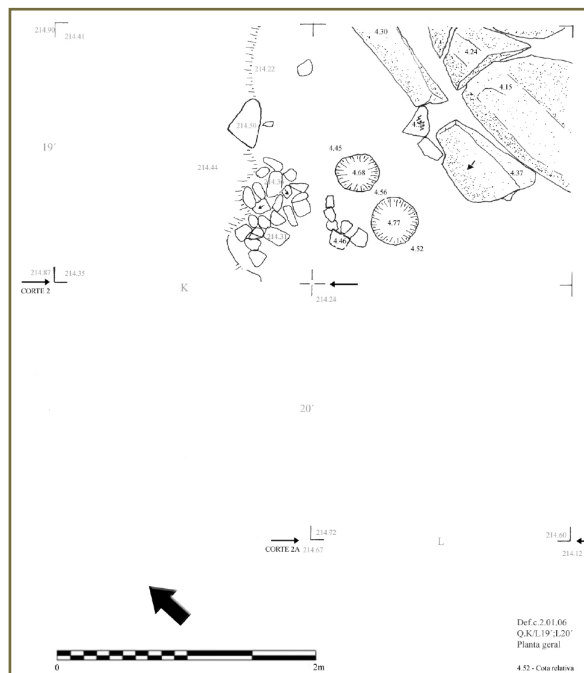
Os trabalhos de escavação arqueológica foram antecedidos de uma prospeccção sistemática do terreno quer no lado norte quer no lado sul do talude. Esta prospeccção haveria de revelar a presença no local de materiais relacionados com ocupações antrópicas mais recentes, sobretudo através da identificação de cerâmicas comuns de pastas vermelhas/alaranjadas, possivelmente do período romano, e de época moderna/contemporânea, correspondendo a este último horizonte cronológico as séries de vidrados de chumbo, bem como alguma da cerâmica comum com superfícies não vidradas.

Foi através desta prospeccção que se pôde identificar mais um pequeno sítio, atribuível pelos materiais encontrados ao período romano e localizado sobre um pequeno outeiro, com boa exposição solar, próximo do pequeno curso de água tributário da ribeira do Morgado, a escassos 100 m para SO do nosso Sector 1.

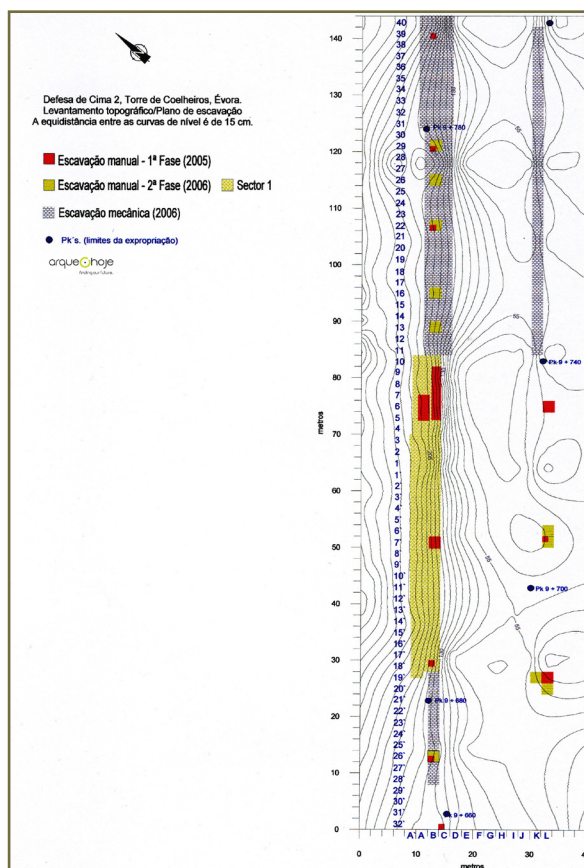
No que concerne aos trabalhos efectuados no sítio neolítico da Defesa de Cima 2, conjugámos a abertura por sondagens diagnósticas e a escavação em área. A escavação em área privilegiou uma zona onde, desde logo, se identificou o conjunto mais significativo de materiais e de estruturas arqueológicas denominado por Sector. No entanto, para além deste, optámos por descrever ainda um conjunto de estruturas identificadas no lado sul do talude.

3.1. O lado sul

Em L19' foram identificadas duas estruturas negativas, de planta circular, com 0,35 m de diâmetro e 0,25 m de profundidade para a primeira e 0,34 m de diâmetro e 0,12 m de profundidade para a segunda, associadas a um pequeno "murete" que se desenvolvia sobre o seu lado oeste. Este desenvolvia-se para NO sendo formado por uma única fiada de pedras em granito, de pequenas e médias dimensões,



Planta geral das quadrículas k19', K20 e L20.



assentes no substrato rochoso. Estes elementos encostavam a uma linha de corte aberta no substrato rochoso com uma orientação SO/NE. Não foi possível observar nenhum alinhamento ou orientação precisa deste "murete", mas acreditamos que possa estar, juntamente com as fossas e blocos de afloramento em seu redor, associado a um pequeno nú-

cleo habitacional do povoado neolítico, provavelmente numa zona já marginal em relação à área principal ocupada pelo mesmo.

Estas estruturas encontravam-se ainda próximas de um afloramento granítico que se desenvolvia pelo lado NE da sondagem. A relação entre o elemento natural e a antropização do espaço pareceu-nos desde logo inegável.

Em K19' e L20' diferenciaram-se pela coloração e compactidade três camadas, todas com material pré-histórico associado.

3.2. Sector 1

Designámos por Sector 1 toda a superfície compreendida entre as quadrículas A`19', A19' e B19', até A`10, A10 e B10, a nordeste.

Acreditámos desde sempre, e pelos resultados arqueológicos anteriores, que esta seria a área "residencial" por excelência do povoado neolítico. Pela sua proximidade à linha de afloramentos graníticos, a escassos metros da nossa quadriculagem, e paralelos à mesma, pela concentração de elementos pétreos hipoteticamente relacionados com antigas estruturas, pela inegável abundância e concentração de material arqueológico ao longo de toda a área e, last but not least, por se terem identificado aquilo que, para nós é, digamos assim, a imagem de marca deste sítio pré-histórico. Referimo-nos à identificação de 22 estruturas em fossa, tipologicamente idênticas, relativamente bem preservadas apontando-se mais à frente algumas hipóteses interpretativas para as mesmas.

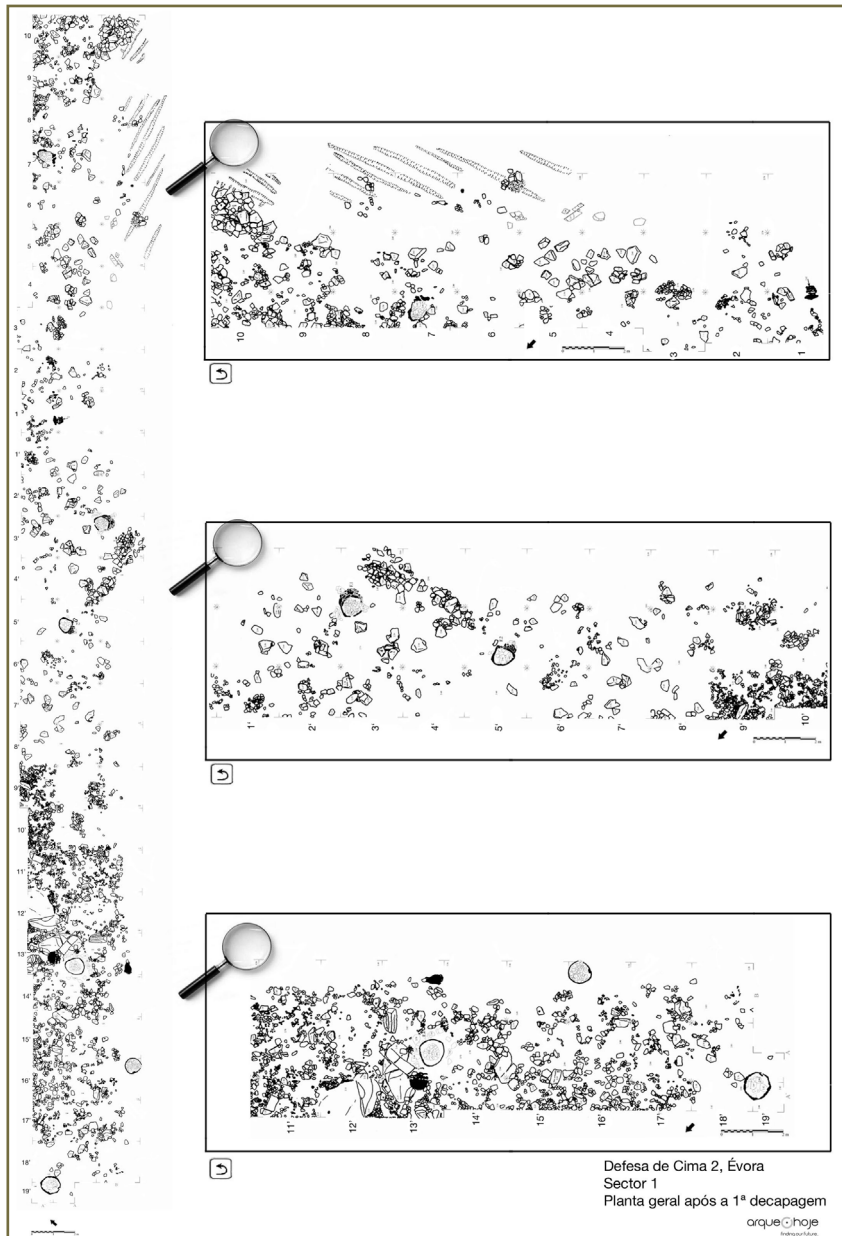
O amanho da terra e outras acções antrópicas explicam a desordem verificada ao nível da dispersão de elementos pétreos, eventualmente relacionados com sucessivas ocupações temporais deste espaço desde tempos pré-históricos até à actualidade.

Além de elementos de cultura material não pré-históricos, foi identificado um alinhamento pétreo em A9 e B10 que, associado sobretudo a cerâmicas feitas a torno, sugere a presença de algumas estruturas relacionadas com edificações de época histórica. Outro alinhamento, ou "murete", foi identificado na quadrícula B3' e era

construído por uma a duas fiadas de pedras em granito relativamente regulares, sem qualquer ligante entre elas. Alicerçava-se sobre um nível de terras com cerca de 0,10 m a 0,15 m de espessura — camada 2. Com uma orientação O/E, desenvolvia-se numa extensão de cerca de 1,11 m por 0,45 m de largura média e 0,25 m de altura máxima preservada.

Foram identificadas nas imediações desta estrutura algumas estruturas em fossa que passaremos a denominar por silos, relativamente bem preservadas (nº 1 e 2), pelo que este "murete" sempre foi considerado, até pela quantidade de materiais pré-históricos associados, como uma estrutura contemporânea da ocupação neolítica do local.

Verificámos durante o seu desmonte que entre algumas pedras se encontravam alguns dos mesmos nódulos em argila que revestiam as paredes internas dos silos. Da crivagem das terras subjacentes a esta estrutura, e seladas pela mes-



ma, foram recolhidos alguns materiais pré-históricos, sobretudo lamelas e lascas residuais. O dado mais interessante foi ter-se identificado uma grande quantidade de fragmentos de argila por entre essa camada e em contacto directo com o substrato de base. Esses fragmentos poderão muito provavelmente pertencer ao silo nº 13, identificado junto à extremidade oeste deste “murete”.

Aferimos igualmente que no topo do substrato de base, e numa pequena área, a terra se encontrava “ruborizada”, identificando-se também algumas manchas muito ténues de coloração cinzenta, reveladores de algum tipo de combustão no local ou em zona relativamente próxima. A origem dessa combustão poderá perfeitamente ser encontrada pela proximidade com o silo nº 13.

Acreditamos, pelo que foi dito, que é inegável a construção deste “murete” sobre os elementos da ruína de alguns dos silos existentes nas imediações. Por outro lado, julgamos poder manter uma relação directa entre este murete e algumas das outras estruturas negativas em redor e melhor preservadas, como o silo nº 1 por exemplo.

Pensamos por isso que tenha existido no seio da(s) população(ões) pré-histórica(s) que fizeram deste espaço o seu povoado, alguma mobilidade interna ocorrida provavelmente dentro de certos limites. Dentro dessa dinâmica é provável que novas estruturas se tivessem edificado ao lado de outras em ruínas, que se restaurasse ou deixasse ao abandono ... e, se ainda hoje é assim, porque não o terá sido há cerca de 7.000 anos atrás?

Nas zonas adjacentes a este “murete” e em redor dos silos identificados nesta zona, foram postos a descoberto, uma vez mais, toda uma série de elementos pétreos de dimensões diversas e dispostos de forma completamente caótica por toda esta superfície, atingindo na sua maior parte cotas próximas das do substrato de base. Acreditamos que alguns destes elementos possam ter feito parte, num primeiro momento, dos elementos estruturantes desses mesmos silos,

como se explicará no ponto relativo a estas construções.

Dentro das estruturas positivas identificadas na metade nordeste deste sector, encontrámos ainda duaslareiras. Uma estava localizada entre as quadrículas A`3 e A3 e apresentava um contorno ovalado com 1,20 m de comprimento por 1,00 m de largura. O topo era constituído essencialmente por uma fiada de pequenas pedras em granito dispostas de forma perfeitamente regular apresentando estas indícios claros de exposição ao fogo. Era definida na sua extremidade NO por uma pedra de maiores dimensões, também em granito.

A escavação desta lareira revelou um nível de sedimentos constituídos essencialmente por terras arenosas, de tonalidade acinzentada com 0,16 m de espessura máxima, que assentavam numa pequena fossa escavada parcialmente no substrato de base, de contornos ovalados, com as mesmas dimensões do limite planimétrico das pequenas pedras em granito do topo da lareira. A fossa apresentava a mesma profundidade máxima das terras sobrejacentes — 0,16 m.

Em torno desta lareira, numa área relativamente próxima, foram identificados vestígios de outras estruturas em fossa. Pelo lado nordeste encontravam-se a cerca de 2 m de distância os silos nº 10, 11 e 12. Pelo lado sudoeste encontraram-se, ligeiramente mais afastadas, os vestígios dos silos nº 8, 20 e 21.

Uma outra estrutura de combustão foi identificada em B5/B6 encontrando-se bastante danificada pela acção das máquinas. Trata-se de uma lareira em fossa com 0,40 m de diâmetro, estruturada com uma fiada de pedras de pequenas e médias dimensões conservadas a Este.

A existência de um tão grande número de silos, bem como a presença destas lareiras, corrobora de igual modo, a interpretação deste local como a área habitacional por excelência do povoado, sem que haja a proximidade imediata com afloramentos, parecendo-nos este um aspecto muito interessante.

A escavação da extremidade sudoeste do Sector 1 revelou a existência de uma maior abundância e concentração de elementos pétreos de pequenas e médias dimensões. Ainda que grande parte destes elementos se pareçam distribuir de forma mais ou menos desconexa por toda a superfície deste sector, poderão relacionar-se com alguns dos silos que nesta área foram também postos a descoberto.

Por outro lado, foi identificada numa área bem localizada da extremidade sudoeste deste sector, correspondendo grosso modo ao corredor entre as quadrículas A`17 e A`9, um extenso “empedrado” caracterizado pelo predomínio de pequenas pedras em granito, com ligeiríssimas variações de cota entre elas, e nódulos de argila de tonalidade avermelhada. A origem destes nódulos está relacionada com a destruição, ou período de ruína, de



Defesa de Cima 2. Sector 1. “Murete” neolítico.

algumas das paredes em argila de alguns silos, o que parece indicar uma cronologia mais tardia para este empedrado. É evidente, por outro lado, a sobreposição deste “empedrado” a alguns silos, nomeadamente ao nº 7 localizado na quadrícula A`9` e ao nº 16 localizado em A`13`. Este aspecto parece carregar a hipótese desta estrutura ser cronologicamente mais tardia, pelo menos em relação a alguns dos silos entretanto identificados e já enumerados.

Um dos aspectos mais interessantes deste “empedrado” é o de marcar, incontestavelmente, a divisão entre as camadas estratigráficas 1 e 2. Ou seja, esta estrutura, constituída basicamente por uma fiada de pequenas pedras em granito, alicerça-se sobre o topo da camada 2, marcando nitidamente a divisão sobre a camada que se lhe sobrepõe — camada 1. Curiosamente, a grande maioria dos materiais arqueológicos é proveniente da primeira camada, contando a camada 2 com um número muito reduzido de artefactos, predominando essencialmente as lascas residuais e alguma cerâmica, embora também existam alguns utensílios microlíticos e macrolíticos integráveis no Neolítico antigo. Destaca-se ainda a presença, na base da camada 2, da quadrícula A`13`, de uma bigorna com vestígios de utilização em ambas as faces.

O grau de preservação deste “empedrado” poderá estar relacionado com a existência de alguns blocos de afloramento graníticos naquela área, ocupando a quase totalidade das quadrículas A13`, A`13` e A`12` que certamente terão “protegido” esta zona dos revolvimentos do subsolo para fins agrícolas, ao invés do que terá acontecido pela restante superfície escavada. Acreditamos que, de alguma maneira, este “empedrado” se possa relacionar com um eventual piso ou espécie de base onde em cima se poderão ter edificado algumas construções — cabanas — em materiais perecíveis. Assim funcionaria, hipoteticamente, quase que como um desengordurante que daria a consistência necessária a um solo que, em época de maiores chuvas, se tornaria certamente muito lamacento, tornando o local praticamente inabitável.

Tal como já tivemos oportunidade de referir, não é de descartar a possibilidade desta estrutura pertencer a uma fase posterior de ocupação deste povoado. Embora a grande maioria dos materiais que encontramos quer na camada sobrejacente, quer aqueles que foram encontrados nos níveis inferiores, nos remetam para cronologias centradas sobretudo no Neolítico antigo, outros materiais, como por exemplo alguns pesos de tear em cerâmica, poderão corresponder a uma fase de ocupação mais tardia, quiçá centrada já dentro do Neolítico Final, o que indicia, mais uma vez, uma longa diacronia ocupacional deste espaço.

Acreditamos portanto que, se por um lado as estruturas em fossa parecem inequivocamente relacionadas com a ocupa-



Defesa de Cima 2. Sector 1. “Empedrado”.

ção do Neolítico antigo, já as eventuais ocupações em épocas posteriores, com as quais se poderão relacionar alguns materiais, não se traduzem na construção de estruturas semelhantes, alicerçando sim novas e diferentes estruturas sobre a ruína de uma ocupação mais antiga, escrevendo-se sobre um idêntico suporte, num mesmo espaço físico, um diferente texto.

A escavação deste “empedrado” revelou a existência de um nível inferior caracterizado sobretudo pela existência de um grande número de elementos pétreos em granito de pequenas e médias dimensões, completamente desconexos e depositos praticamente à cota do substrato de base, à semelhança daquilo que já tínhamos verificado noutras zonas deste povoado. Esses elementos não serão mais do que a continuação da mesma realidade que já se verificava, para sudeste, na área defronte e ao longo de todo o espaço ocupado pelo “empedrado”, como aliás se poderá verificar pela análise da planta da primeira decapagem.

Um outro elemento estrutural identificado no sector 1 era definido por estruturas negativas que interpretamos como silos, de planta tendencialmente circular com diâmetros que oscilam entre os 0,60 m e os 0,90 m que perfuram o substrato geológico arenoso, pouco compacto. As paredes destas estruturas eram revestidas com argila com cerca de 0,03 m

de espessura, bem alisadas, tendo sido possível identificar alguns fragmentos de argila com perfurações com 0,003 m de diâmetro aleatoriamente dispostas.

A base era preenchida por uma série de termoclastos em granito, de pequenas e médias dimensões dispostos por duas a três fiadas regulares, com cerca de 0,20 m / 0,30 m de altura, imbricados, funcionando como uma verdadeira placa térmica. Verificou-se que estes elementos pétreos foram sujeitos à acção do fogo, facto observado quer pela superfície queimada, quer pela facilidade com que estes lascavam ao serem desmontados.

Em alguns casos, como no silo nº1, foram identificados círculos líticos que acompanham o contorno do topo preservado destas estruturas. Acreditamos que a existência destes círculos líticos se relacionem com a colocação de uma primeira parede, de que apenas restou uma fiada, neste caso concreto, em alvenaria, sem ligante, e que serviria dois propósitos. Por um lado seria a superfície ideal para que numa primeira fase se aplicasse a argila ainda fresca do revestimento interno do silo, conseguindo-se manter convenientemente até ser atingida a cozedura pretendida dessas mesmas paredes. Por outro lado, serviria como uma espécie de contraforte desta estrutura, dando-lhe consistência, resistência e protecção contra eventuais agentes erosivos. Tecnicamente seria esta a melhor solução que não poderia ser conseguida mediante a aplicação de uma argila fresca directamente sobre uma superfície em terra vegetal. Ainda assim, a aplicação de argila directamente sobre as paredes abertas no substrato geológico está comprovada nalgumas fossas, eventualmente porque as características geológicas dessa superfície o permitiam.

Os perfis variam e podem, de uma forma geral, definir-se

como perfis em “S” e ovóides com profundidades que variam entre os 0,36 m 0,83 m.

Acreditamos que se fosse colocando terra em redor das pedras das paredes em alvenaria quando esta atingisse já cotas positivas, até se conseguir a altura pretendida. Teria uma forma interna bitroncocónica? Assemelhar-se-ia a uma forma visível pelo exterior de tipo pão-de-açúcar, com cobertura em cúpula? Não sabemos, mas é provável que assim fosse.

A argila fresca era posteriormente cozida no ambiente totalmente fechado do interior da fossa, conferindo homogeneidade e resistência às pastas bem depuradas. Estas apresentam desengordurantes de pequeno calibre cuja origem se encontra nos solos graníticos locais, constituídos essencialmente por micas, alguns quartzos e feldspatos.

A placa térmica da base da estrutura, quando em funcionamento, manteria uma temperatura constante pelo período necessário à cozedura das paredes em argila.

Os sedimentos que preenchiam o interior destas estruturas eram compostos na sua maioria por terras limpas sem elementos pétreos, algum espólio e apresentavam maioritariamente cor castanha-escura e compactidade média, sendo de registar alguns elementos carbonosos e uma pequena percentagem de restos faunísticos.

Uma ténue variante do que acabámos de expor foi observado na fossa nº 16 onde as paredes de argila revestiam o afloramento rochoso adossado. A falta deste a N/NE foi colmatada com a colocação de três pequenos esteios também eles revestidos a argila. O fundo desta estrutura era o próprio afloramento granítico, duro.

Um outro caso que é importante mencionar refere-se ao silo nº 3 em que o revestimento a argila preenche por completo toda a superfície interna incluindo a base da estrutura, sobre



Defesa de Cima 2. Sector 1. Silo nº 1 no final dos trabalhos.

a qual assentava a placa térmica.

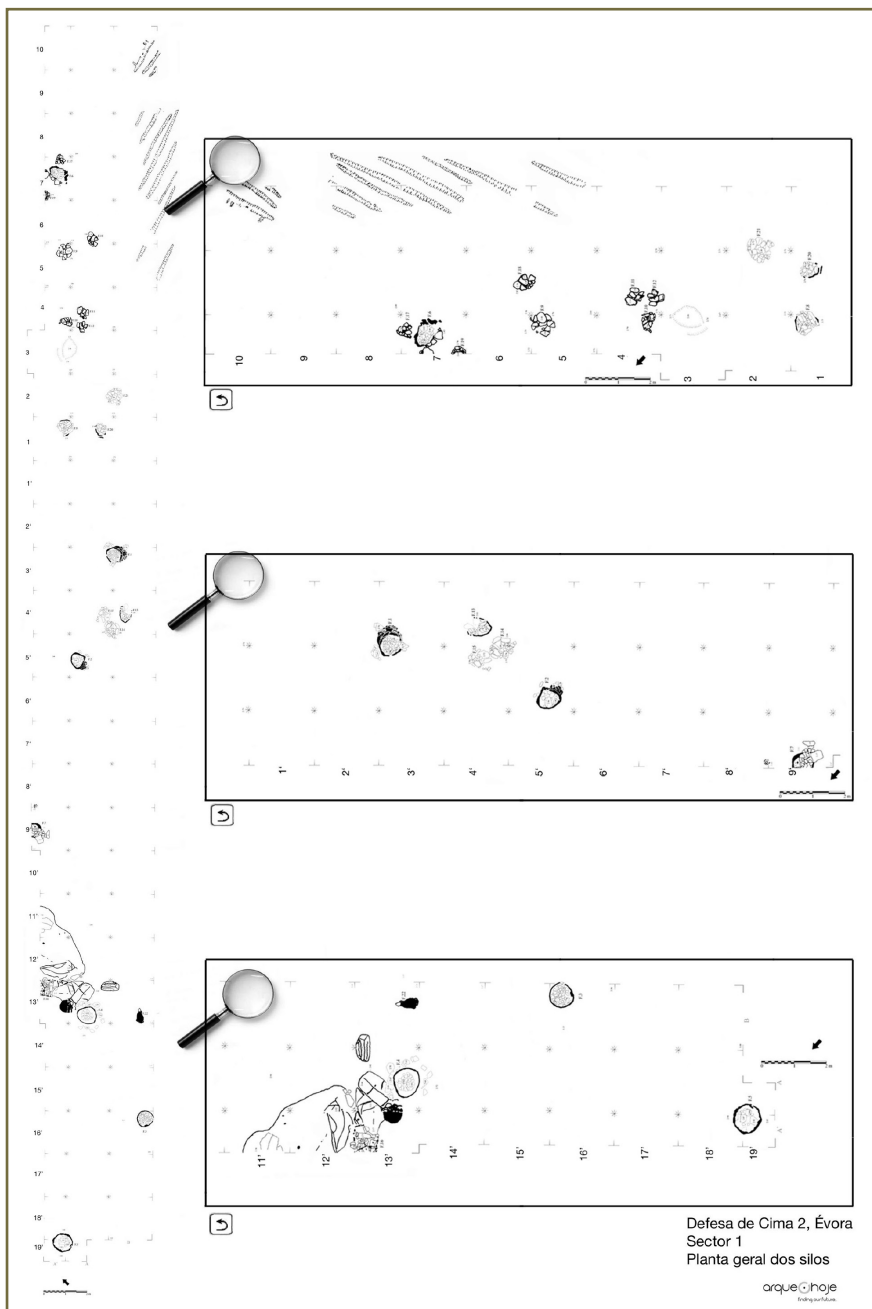
A estratigrafia verificada ao longo de toda a área escavada revelou-se bastante simples. Essa simplicidade deverá corresponder sobretudo a dois factores essenciais. Em primeiro lugar, este povoado localiza-se numa zona de declive, embora suave, que sujeita os solos a uma maior acção erosiva e propicia per si uma lixiviação contínua dos mesmos. Tratam-se, por outro lado, de solos já de si muito esqueléticos, com contínuos usos agrícolas que acentuaram a pobreza dos mesmos.

Faremos em seguida a análise e descrição da estratigrafia que, de forma global, foi verificada ao longo da escavação deste povoado.

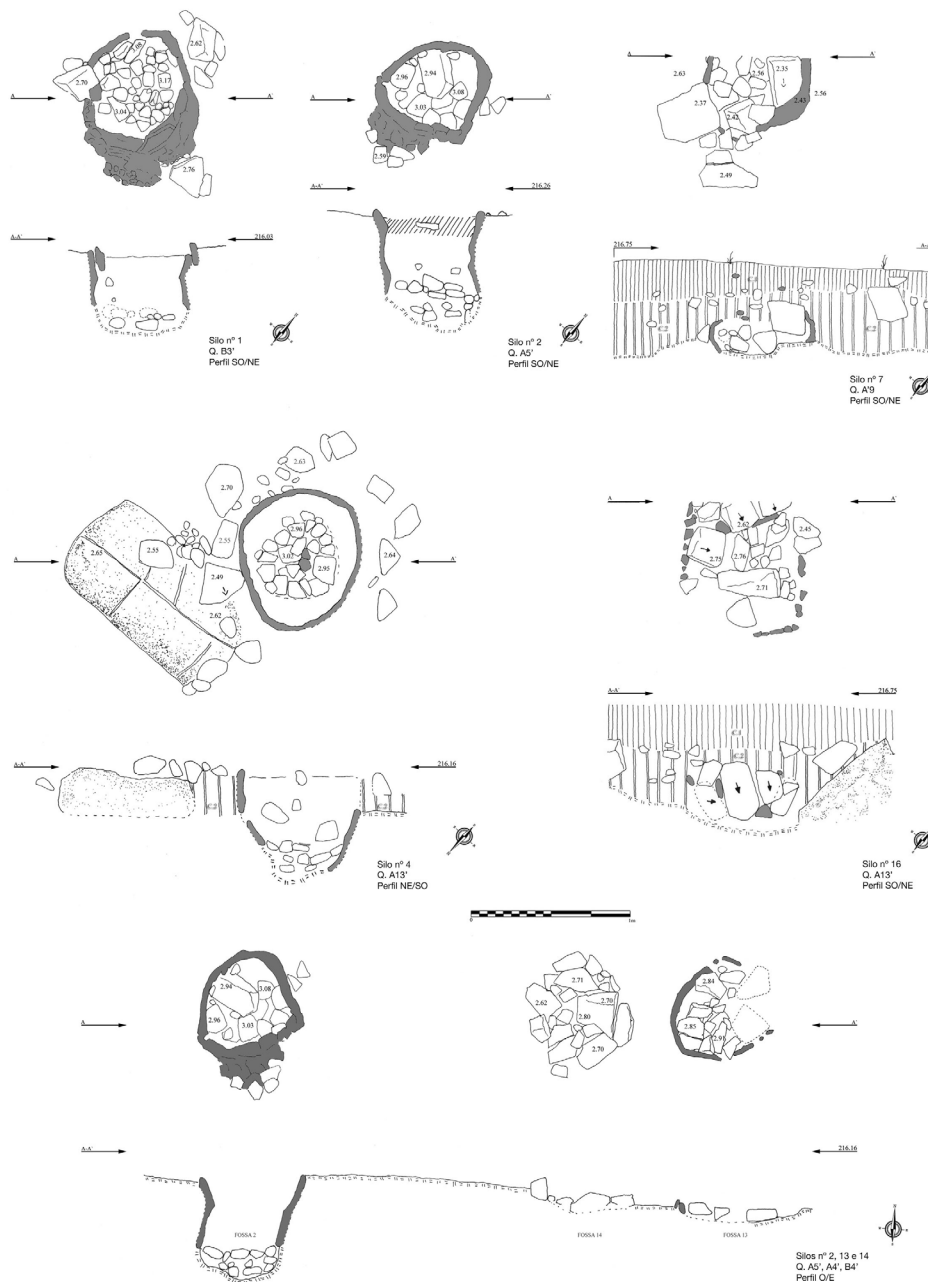
Camada 1: Trata-se de um nível de terras arenosas de cor castanha-clara (amarelada) comum a toda a área escavada. Na extremidade nordeste do Sector 1 verificou-se apenas a existência deste nível, excluindo-se obviamente os locais onde individualizámos a camada 1 A, atingindo neste local uma espessura máxima de 0,50 m. É desta camada que provém a maioria do material arqueológico exumado.

Camada 1a: Corresponde a um nível de carvões relativamente homogéneo, com cerca de 0,06 m de espessura, identificado entre as quadrículas A'8 a B8 e estendendo-se até A'10 a B10. Trata-se de um nível estratigráfico muito superficial localizado na extremidade nordeste do Sector 1, aparecendo este por entre a camada 1 entre os primeiros 0,10 m na quadrícula A'8 e atingindo uma profundidade máxima em corte em torno dos 0,30 m em A'10.

Camada 2: Subjacente à camada 1, faz também parte das duas camadas arqueológicas identificadas em grande parte das zonas escavadas deste habitat. É composta por terras arenosas de coloração castanha-escura, medianamente compactas, apresentando uma espessura máxima de 0,20 m. Provém deste nível algum do material arqueológico recolhido, embora em muito menor número e marcado sobretudo pela escassa presença de utensílios em relação



Defesa de Cima 2. Sector 1. Silo n° 3 em primeiro plano.



a um maior número de lascas residuais. É este nível que na extremidade sudoeste do Sector 1 cobre todas as estruturas em fossa.

Um dos aspectos mais interessantes que verificámos foi que a transição da camada 1 para a camada 2, exactamente na extremidade sudoeste do Sector 1, era feita pela linha de topo das pequenas pedras que definiam a estrutura de tipo “empedrado” existente naquela área.

Camada 3: Camada muito arenosa, solta, individualizada e referida como um nível diferenciado da camada 2 apenas por ter uma coloração castanha ligeiramente mais escura e mais arenosa do que a camada que lhe fica subjacente. A espessura máxima desta camada é de 0,30 m, junto à extremidade norte da quadrícula K19’.

Este estrato apenas foi individualizado nalgumas parcelas de

terreno abertas no Sector sul, como já tivemos oportunidade de analisar no ponto da descrição dos trabalhos neste sector.

Camada 3a: Trata-se de um nível de sedimentos identificados apenas na abertura das quadrículas L6’ e L7’. Corresponde a um nível de terras de cor castanha-escura, de grão fino e muito homogéneas, bastante compactas e sem materiais arqueológicos associados. Provavelmente estaremos já na presença de um estrato de formação geológica.

4. Cultura material

Do conjunto artefactual compulsado no povoado pré-histórico da Defesa de Cima 2 encontramos um número elevado

de elementos líticos sobre lasca e cerâmicos. Dentro dos primeiros cabe destacar, sem dúvida, uma indústria lítica de cariz microlítico, de feição lamelar onde, para além de centenas de lamelas, se encontram igualmente presentes um número considerável de geométricos, sobretudo trapézios. Os artefactos em pedra polida e afeiçãoada encontram-se também presentes mas em muito menor número, tendo-se recolhido, ainda assim, três machados, uma enxó e uma goiva (?), todos em pedra polida.

A par do resultado final de uma actividade de talhe, foram recolhidos variadíssimos elementos que apontam claramente para a confecção de utensílios no local. Referimo-nos concretamente à existência de núcleos, muitos deles prismáticos e completamente esgotados, de esquirolas e lascas residuais. Estas lascas encontram-se, não raras vezes, retocadas, engrossando a panóplia de instrumentos líticos utilizáveis.

Nalguns casos é notória a obtenção de algumas peças por efeitos de acção térmica permitindo, como por exemplo no sílex, melhores resultados.

Pela observação ainda muito primária da matéria-prima utilizada na confecção desta utensilagem lítica, e condicionada a nossa interpretação da mesma uma vez mais às nossas limitações, é muito diversificada. Para além de utensílios em sílex, existem instrumentos em quartzo hialino, quartzo leitoso, xisto jaspóide, opala... Grande parte desta matéria-prima não é de origem local, sendo obtida, inevitavelmente, a uma escala supra-regional, com todas as implicações daí inerentes, ao nível da circulação de determinados itens, por exemplo, mas que nos escusamos de abordar nesta fase.

De um modo geral, praticamente todos os artefactos líticos exumados se enquadram dentro do denominado “pacote neolítico”, correspondendo grosso modo à sua fase inicial, embora se encontrem elementos que deverão corresponder a cronologias mais recentes, evidenciados sobretudo por alguns elementos cerâmicos a que nos referiremos mais adiante.

Dentro dos macroartefactos líticos foram identificados alguns materiais em quartzito. Alguns desses materiais poderão ter servido como núcleos para obtenção de lascas. Outros poderão mesmo ter funcionado como verdadeiros utensílios. A indústria lítica encontra-se também representada pelas denominadas “bigornas”, em granito e quartzito e alguns elementos — moventes — de moinhos manuais, também eles em granito.

Para além do material lítico foi recolhida uma grande quantidade de material cerâmico, muito fragmentado, inviabilizando, neste momento, a definição precisa de formas e, consequentemente, do tipo de recipientes a que se reportam. No conjunto das cerâmicas, onde ocorrem em grande quantidade fragmentos lisos, encontram-se igualmente presentes um número bastante razoável de fragmentos decorados.

No que concerne às técnicas decorativas, encontramos as cerâmicas impressas, incisas e com aplicações plásticas, por cordões com incisões e mamilos, nalguns casos com aplicações sequenciais junto ao bordo.

As temáticas decorativas, pelo material se encontrar muito

fragmentado, não são, até ao momento, muito conhecidas. Ainda assim, dentro das cerâmicas impressas, e pela análise de alguns fragmentos cerâmicos maiores e melhor preservados, apontam para sequências de linhas paralelas mediante a impressão por puncionamento arrastado, impressões sobre aplicações plásticas, séries de punções a formar motivos em espinha e que nalguns casos parecem preencher triângulos incisos.

Dentro da cerâmica incisa, para além da existência de motivos triangulares, encontrou-se, em pelo menos um fragmento, uma série de incisões sobre um recipiente de bordo em aba.

Encontra-se ausente, pelo menos até ao momento, qualquer tipo de fragmento com decoração cardial, o que parece contribuir, por assim dizer, para um afastamento do paradigma cardial em povoados do Neolítico Antigo.

No conjunto de elementos cerâmicos refira-se ainda a presença de elementos ligados à tecelagem. Falamos concretamente da existência de três pesos de tear e um pequeno fragmento cerâmico achatado com ligeira curvatura que poderá relacionar-se com um crescente com perfuração em cada uma das extremidades. Os outros dois elementos correspondem a fragmentos de placas de cerâmica de configuração rectangular e que apresentam igualmente dupla perfuração numa das extremidades preservadas. Cronologicamente, este género de materiais são atribuídos sobretudo a contextos Calcolíticos, não descurando, no entanto, a possibilidade de se encontrarem em contextos mais antigos. Provavelmente, e no caso concreto do povoado da Defesa de Cima 2, o seu aparecimento poderá estar relacionado, juntamente com uma série de outros materiais, com uma ocupação mais tardia deste local provavelmente do Neolítico final.

5. Conclusões

Torna-se por demais evidente, embora posicionados ainda numa fase muito inicial do tratamento disponível dos dados, que nos encontramos perante a tentativa de leitura e interpretação de um palimpsesto, cujas verdadeiras dimensões (sobretudo a nível cronológico) ainda não se encontram totalmente definidas.

À semelhança de outras estações pré-históricas a céu aberto, onde as estratigrafias se encontram profundamente alteradas por factores pós-deposicionais, também a Defesa de Cima 2 oferece contextos estratigráficos pouco seguros. A existência de estruturas e de outros elementos históricos no local intervencionado (essencialmente cerâmicas), bem como as características dos terrenos onde este habitat se implantou, correspondendo a solos de aproveitamento agrícola, ainda que pobres e pouco espessos, condicionaram em boa parte a contextualização cronológica precisa de alguns materiais.

Assim, é com base sobretudo na análise possível de alguns materiais (constituídos aqui, à falta de melhor informação, como fósseis directores) que se procurou aferir, da melhor

forma, a cronologia e tipo de habitat do sítio da Defesa de Cima 2.

Por outro lado, a análise de outros elementos, como a própria paisagem, revela-se de extrema importância na caracterização destes locais, havendo nitidamente semelhanças ao nível da sua implantação espacial. Tem vindo a ser acentuada a localização destes habitats, a céu aberto, junto a grandes afloramentos rochosos, de que o sítio da Defesa de Cima 2 fará parte integrante (graníticos, neste caso), embora tenha sido comprovada a localização de algumas estruturas, com materiais associados, em locais mais periféricos, onde estes não existem. Acreditamos desde já que a escolha do sítio não é, de forma alguma, condicionada pela presença destes elementos, podendo, como aparentemente no caso do sítio da Defesa de Cima, constituir um elemento de fronteira natural, delimitatória de uma determinada área dentro do povoado.

Apenas a título de exemplo, e querendo reforçar a opinião expressa no parágrafo anterior, foi escavada, dentro da rede de canais secundários do Alqueva, na freguesia de S. Manços (Concelho de Reguengos de Monsaraz) uma pequena área de 8 m², no sítio denominado por Horta do Albardão 3, onde foram exumados materiais que apontam para uma cronologia neolítica do local, destacando-se a presença de um micrólito crescente, uma lamela e um fragmento cerâmico com aplicação plástica – mamilo – junto ao bordo. Este local, completamente a céu aberto, encontra-se completamente desprovido de afloramentos rochosos em seu redor.

No entanto, parece de facto existir um denominador comum a todos estes locais, a existência de linhas de água nas proximidades. Encontramo-la quer no sítio referido anteriormente – Horta do Albardão 3 – quer nas proximidades da Defesa de Cima 2. Estas linhas de água correspondem ambas a ribeiras com um caudal actual pouco significativo mas que terão condicionado, certamente, a ocupação das primeiras comunidades pré-históricas naqueles locais.

O sítio pré-histórico da Defesa de cima 2 corresponde, pelo que já referimos, a um habitat a céu aberto, de pouco domínio visual, localizado em parte junto a grandes blocos graníticos e nas proximidades de uma linha de água, cuja importância, mesmo actualmente, é indiscutível no que diz respeito à fixação humana naquele local.

Dentro do registo arqueológico da Defesa de Cima 2 existem desde estruturas ainda relativamente bem preservadas, que corresponderão com alguma segurança à primeira fase de ocupação do local, no Neolítico antigo, até elementos da cultura material que apontam para cronologias mais avançadas.

Efectivamente, a escavação arqueológica desenvolvida no sítio pré-histórico da Defesa de Cima 2, revelou a existência de um número apreciável, numa área bem confinada, de estruturas em fossa com revestimento a argila, que fazemos corresponder a estruturas de armazenamento – silos.

Atribuímos estas construções, pelo que expusemos ao longo deste trabalho, à fase de ocupação deste local centrada essencialmente no Neolítico antigo.

A necessidade de conservação e preservação de determinados produtos alimentares, facilmente inutilizáveis se não forem conservados dentro de um ambiente estável e seguro, levam-nos a equacionar a possibilidade destas estruturas se relacionarem com silos.

Acreditamos que estes tenham sido construídos dentro de um contexto habitacional preciso, cuja ocupação poderá relacionar-se com uma comunidade plenamente sedentária. Essa sedentarização seria assim permitida pela conservação e reserva de determinados produtos alimentares, dentro dessas estruturas.

Não julgamos, no entanto, que esses produtos sejam unicamente o resultado de uma prática agrícola produtiva plenamente desenvolvida, resultando desta a acumulação de excedentes. Pensamos sim que as bases essenciais de sustentação desta comunidade pré-histórica se enquadrem dentro de uma economia de amplo espectro, com um conhecimento profundo do território e onde as actividades de caça e recollecção seriam ainda o seu principal suporte.

São conhecidos estudos de populações de caçadores-recolectores, como os Hokkaido no sudeste siberiano, ou algumas populações indígenas da costa do pacífico, onde o armazenamento de alguns produtos é praticado a uma larga escala, assentando toda a sua economia na conservação intensiva de um recurso sazonal (TESTART, 1981, p.181). A subsistência destas populações só é mesmo possível devido à conservação de alguns alimentos. Se essa conservação a longo termo não fosse possível, obrigaria a uma deslocação populacional constante à medida que os produtos dentro de um determinado território se esgotassem.

Diríamos que as estruturas relacionadas com a conservação de produtos alimentares a longo prazo, pelas evidências arqueológicas e estudos efectuados no seio de populações “primitivas” actuais, são intemporais e anteriores à revolução dos produtos secundários, como tivemos oportunidade de mencionar anteriormente através de exemplos de populações não-agrícolas.

É verdade que o estudo destas estruturas se encontra pouco desenvolvido entre nós, por eventuais deficiências relacionadas com práticas arqueológicas, áreas de escavação diminutas com estruturas muito destruídas, em sítios coevos e com as características referidas para a Defesa de Cima 2, ou pela simples inexistência destas em habitats do género. Sabemos, ainda assim, que estas existem em todo o mundo, desde o Neolítico até praticamente a actualidade. Gostaríamos de referir a título de exemplo algumas estações onde têm sido identificadas estruturas similares: Amoreira (Abrantes) (CRUZ & OOSTERBEEK, 2005), Carvalheiras (Sabugal) (ROBALO & OSÓRIO, 2006), Carraça 1 e Xerês 12 (Évora) aqui interpretados como fornos culinários (GONÇALVES, 2002). De referir que a utilização da argila como revestimento, ainda que, por vezes, parcial de estruturas de silagem foram igualmente observadas nos silos do Buraco da Pala (Mirandela) (SANCHES, 1987) e em Fuente Lirio (Ávila) onde se identificou uma fossa circular escavada na rocha de base de paredes revestidas com barro que segundo o autor também

foram cozidos *in situ* (FABIÁN GARCÍA, 2006: 131)

Existem paralelos para os silos da Defesa de Cima 2 quer do ponto de vista técnico-construtivo, quer das evidências arqueológicas observadas *in loco*, também para construções de períodos diferentes. Sabe-se que estruturas do género, com revestimentos a argila (com a utilização de palha como desengordurante), de paredes bem alisadas, onde se utilizou o fogo no seu interior, foram até há bem pouco tempo usadas para armazenamento de cereais, por exemplo, em comunidades islâmicas do norte de África (ZUNZ, 1979: 216).

A utilização do fogo, neste caso concreto, relaciona-se, por um lado, com uma acção inicial de desinfestação do próprio contentor, e por outro lado, como alternativa à secagem convencional, ao sol, das paredes em argila, por um período de 4 a 10 dias, se esta não produzisse o resultado esperado. Nos silos islâmicos supracitados, existia mesmo uma manutenção das estruturas de armazenagem que levava a que se substituísse periodicamente o revestimento em argila, repetindo-se todo o processo. Este aspecto pôde ser deduzido em alguns silos da Defesa de Cima 2, como por exemplo no nº 1, onde foram identificadas várias “paredes” de argila que resultaram certamente de trabalhos de manutenção da própria estrutura.

Acreditamos, por outro lado, e à semelhança do que outros investigadores defendem para estruturas do género (REYNOLDS, 1979, p.71), que o seu elevado número dentro de uma área restrita não significa, obrigatoriamente, um elevado índice populacional, podendo relacionar-se sobretudo com a ruína e conseqüente necessidade de construção de novos silos. Outro dos aspectos interessantes que este autor refere, e que podemos perfeitamente extrapolar para os silos da Defesa de Cima 2, prende-se com a utilização e manuseamento do produto guardado. Se pensarmos que o que estaria no interior destes silos era grão de cereal, eventualmente de uma espécie selvagem, este teria que ser mantido, hermeticamente fechado, para permitir a sua conservação num ambiente “ideal”. Assim, todo o produto teria, obrigatoriamente de ser retirado ao mesmo tempo pois a sua abertura implicaria a perda de todo o conteúdo (*idem*, *ibidem*: 73). Desconhecemos por completo a cobertura destas estruturas, mas podemos, eventualmente, encontrar semelhanças com estruturas análogas utilizadas até há relativamente pouco tempo.

A cobertura poderia fazer-se mediante a utilização de alguma palha, junto ao topo, e com uma cobertura final em terra. Há nos exemplos que estudámos de silos escavados na rocha, onde o objectivo é o de armazenamento a longo prazo, muitas soluções deste género, perfeitamente adequadas ao que constatámos pela escavação dos silos da Defesa, onde nenhuma laje, de eventual cobertura foi descoberta, antes um nível homogéneo de terras limpas, com escasso material arqueológico (ZUNZ, 1979: 216).

Obviamente que a par destas estruturas, encontram-se presentes outros elementos também indiciadores, ainda que indirectos, da prática de uma economia produtora, tais como elementos de mós manuais (moventes), por exemplo, e que

acabam também por reforçar essa possibilidade.

A prática de caça e recollecção, fazendo as pontas de projectil em sílex parte do conjunto de materiais líticos exumados, não teriam sido completamente abandonadas, perviveriam como parte integrante e fundamental da sua substância.

A presença de materiais característicos do denominado “pacote neolítico” encontra-se presente, e de forma muito expressiva, no sítio da Defesa de Cima 2. Neste incluem-se em maior número materiais cerâmicos, com abundância para cerâmica lisa, embora haja uma boa percentagem de fragmentos decorados, com temáticas e técnicas decorativas associadas a cronologias do VI/V milénios a.C. e onde a indústria lítica é fundamentalmente de cariz microlítico e de suporte lamelar. A par destes materiais encontram-se igualmente presentes macroartefactos - bigornas, moventes (em granito)- e elementos em pedra polida, machados, uma enxó e uma goiva (?). A presença de materiais mais evoluídos, como aparentemente serão os pesos de tear em cerâmica, não nos parece completamente despropositada e parecem corroborar a interpretação deste sítio como um local ocupado durante todo o Neolítico, ainda que eventualmente em fases distintas dificilmente comprovadas no registo arqueológico.

Da primeira fase ocupacional parecem encontrar-se ausentes, até ao momento, as cerâmicas com decoração cardial, aspecto que tem vindo a ser cada vez mais evidenciado nas escavações em povoados do Neolítico antigo. Por outro lado, encontram-se presentes alguns fragmentos cerâmicos, lisos, cujas formas - hemisféricas - se assemelham muito aos materiais encontrados no interior de alguns monumentos megalíticos da região, o que a confirmar-se poderiam pertencer a uma segunda fase ocupacional, onde se poderiam incluir alguns dos elementos em pedra polida, no Neolítico Médio/Final.

6. Bibliografia

- CALADO, M. (2001) – *Da Serra d’Ossa ao Guadiana*, “Trabalhos de Arqueologia”, Instituto Português de Arqueologia, 19, Lisboa.
- CARVALHO, A. F. (1998), *O talhe da pedra no Neolítico Antigo do Maciço Calcário das Serras D’Aire e Candeeiros (Estremadura Portuguesa): um primeiro modelo tecnológico e tipológico*, Lisboa, ed. Colibri (textos monográficos, 2).
- CRUZ, A.; OOSTERBEEK, L. (2005), *Amoreira – 2005. Uma aldeia neolítica*, <http://www.cph.ipt.pt/angulo2006/img/05-06/amoreira.pdf>
- DINIZ, M. (2000) – Neolitização e megalitismo: arquitecturas do tempo no espaço. In *Muitas antas, pouca gente? Actas do I Colóquio Internacional sobre megalitismo* (Reguengos de Monsaraz 1996), “Trabalhos de Arqueologia”, 17, Instituto Português de Arqueologia, Lisboa.
- DINIZ, M. (2001) – O sítio Neolítico da Valada do Mato, Évora: problemas e perspectivas, “*Revista Portuguesa de Arqueologia*”, nº 4, vol. 1, Lisboa, pp. 45-59.
- DINIZ, M. (2001) – Uma datação absoluta para o sítio do Neolítico da Valada do Mato, Évora, “*Revista Portuguesa de Arqueologia*”, nº 4, vol. 2, Lisboa, pp. 111-113.
- DINIZ, M. (2004) – *O sítio da Valada do Mato (Évora): aspectos da neolitização no interior Sul de Portugal*, tese de doutoramento

apresentada à Universidade de Lisboa, polic.

DINIZ, M. (2005) – Acerca do processo da neolitização no actual território português, “*Promontoria*”, 3, Departamento de História, Arqueologia e Património da Universidade do Algarve, Braga, pp. 229-249.

FABIÁN GARCÍA, J. F. (2006), *El IV y III milenio AC en el Valle Amblés (Ávila)*, in “*Monografías*”, Arqueología en Castilla y León, 5, Junta de Castilla y León.

GONÇALVES, V.S. (1999) – *Reguengos de Monsaraz, territórios megalíticos*. Reguengos de Monsaraz: Câmara Municipal.

GONÇALVES, V.S. (2002) – Lugares de povoamento das antigas sociedades camponesas entre o Guadiana e a Ribeira do Álamo (Reguengos de Monsaraz): um ponto da situação em inícios de 2002, “*Revista Portuguesa de Arqueologia*”, 5, p.153-189.

JORGE, Susana Oliveira (1999), *Domesticar a Terra*, Lisboa, Gradiva.

REYNOLDS, P. J. (1979), A general report of underground grain storage experiments at the butser ancient farm research project, in “*Les techniques de conservation des grains à long term: leur role dans la dynamique des systèmes de cultures et des sociétés*”, Laboratoire d’anthropologie et de préhistoire des pays de la Méditerranée occidentale (L.A. 164), Aix-en-Provence, Maison des sciences de l’homme, Groupe ecologie et sciences humaines, CNRS, Paris, pp. 70-79.

ROBALO, E.; OSÓRIO, M. (2006), Achegas para o estudo do povoamento calcolítico na Beira Interior. O pequeno habitat das Carvalheiras (Sabugal), “*Cultura e Ciência*”, nº 8, Câmara Municipal de Vila Nova de Foz Côa, pp.205-226.

RODRIGUES, S. (2000), A estação neolítica do prazo (Freixo de Numão- Norte de Portugal) no contexto do Neolítico Antigo do Noroeste Peninsular, algumas considerações preliminares, in “*Neolitização e megalitismo da península Ibérica*”, *actas do III Congresso de Arqueologia peninsular*, ADECAP, Porto, vol. 3, pp. 149-180.

SANCHES, M. J. (1987), O Buraco da Pala – um abrigo pré-histórico no concelho de Mirandela (Notícia preliminar das escavações de 1987), “*Arqueologia*”, nº16, GEAP, Porto, pp. 58-77.

TESTART, A. (1981), La conservation des produit vegetaux chez les chasseurs-cueilleurs, in “*Les techniques de conservation des grains à long term: leur role dans la dynamique des systèmes de cultures et des sociétés*”, II, Laboratoire d’anthropologie et de préhistoire des pays de la Méditerranée occidentale (L.A. 164), Aix-en-Provence, Maison des sciences de l’homme, Groupe ecologie et sciences humaines, CNRS, Paris, pp. 181-193.

ZILHÃO, J. (1998), A passagem do Mesolítico ao Neolítico na costa do Alentejo, “*Revista Portuguesa de Arqueologia*”, 1, pp. 27-44.

ZUNZ, J. V. (1919), Los silos a grains enterres dans trois populations árabes: tell algerien, cyrenaique et sud du Lac Tchad, in in “*Les techniques de conservation des grains à long term: leur role dans la dynamique des systèmes de cultures et des sociétés*”, II, Laboratoire d’anthropologie et de préhistoire des pays de la Méditerranée occidentale (L.A. 164), Aix-en-Provence, Maison des sciences de l’homme, Groupe ecologie et sciences humaines, CNRS, Paris, pp. 215-193.